



MUITOS CORPOS, MUITOS *CORPUS*: CORPOS TRANS EM UM ESTUDO COMPARATIVO

**MANY BODIES, MANY *CORPUS*: TRANS BODIES IN A COMPARATIVE
STUDY**

Diana da Silva Rodrigues*

* dianadasrodrigues@gmail.com
Doutoranda em literatura comparada pela Universidade Federal
Fluminense (UFF) – (Niterói, RJ). Mestre em literaturas estrangeiras
modernas pela UFF.

RESUMO: O seguinte artigo pretende analisar a construção de corpos Trans na obra *Transition to murder*, de Renee James (2012) em comparação com *Batons, assassinatos e profetas*, de Mehmet Murat Somer (2010). Ambas as obras são narrativas detetivescas que possuem personagens Trans como narradoras protagonistas. Olharemos de perto como as protagonistas narram a si e às personagens a sua volta no que tange à descrição de seus corpos, passando por questões de beleza, idade e comunidade que surgem a partir da ótica narrativa. Para nos auxiliar a debater algumas questões, traremos os pensamentos de viviane vergueiro (2015), Judith Butler (1992), Carla Portilho (2009) e Pedro Paulo Antunes (2010). Nota-se que as questões de autoestima e de cisnormatividade interferem diretamente na visão dessas personagens sobre si e sobre o outro e que ambas as obras nos dão plataformas para debatermos novos olhares sobre os corpos Trans.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Trans; Literatura detetivesca; Corpo na literatura.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the construction of Trans bodies in the book *Transition to murder*, by Renee James (2012) in comparison with Mehmet Murat Somer's *The Prophet murders* (2010). Both narratives are detective fiction narrated by Transgender main characters. We will look closely at how the protagonists narrate themselves and the characters around them regarding the description of their bodies, going through issues of beauty, age, and community that arise from the narrative point of view. To help us discuss some issues, we will bring the thoughts of viviane vergueiro (2015), Judith Butler (1992), Carla Portilho (2009) and Pedro Paulo Antunes (2010). It is noted that the questions of self-esteem and cisnormativity directly interfere in the idea of these characters about themselves and about the other. We can also achieve that both works give us platforms to discuss new looks about the Trans bodies.

KEYWORDS: Trans Literature; Detective literature; Body in the literature.

Este artigo é uma adaptação de parte da dissertação de mestrado defendida no Instituto de Letras da UFF.

A obra *Batons, assassinatos e profetas*, doravante nomeada BAP, foi escrita pelo turco Mehmet Murat Somer e lançada na Turquia no ano de 2003. A obra chega aos EUA ainda em 2003 sob o nome *The prophet murders* e no Brasil em 2010, com a tradução de Rafael Mantovani. É a primeira obra de uma coleção turca de nome *Hop-Çiki-Yaya*, que já conta com quatro obras e narra em primeira pessoa a história de uma travesti não nomeada que investiga amadoramente o homicídio de travestis com nomes de profetas. Carregada de humor, a narrativa mostra como uma travesti sócia de uma boate, técnica de sistemas de informação e conhecida por todos começa a usar suas habilidades para capturar um *serial killer* que não está sendo procurado pela polícia. O conhecimento do mundo marginalizado da noite é essencial para que cumpra tal tarefa. Usaremos a tradução para língua portuguesa visto que a obra é turca e não possuímos a obra (nem a habilidade de lê-la) em seu original. Uma vez que a obra foi traduzida, faz mais sentido ler a tradução em nossa língua materna do que ler a tradução em língua estrangeira e ter de traduzir novamente ao português. A obra em questão é a única com tradução para a língua portuguesa, os títulos em inglês das outras obras da coleção são: *The Kiss Murder* (2009), *The Gigolo Murder* (2010), *The Serenity Murders* (2012).

Transition to murder, doravante nomeada TM, é criação da cabeleireira e escritora estadunidense Renee James. A obra,

originalmente publicada como *Coming out can be murderous*, narra a história de Bobbi Logan, uma transmulher cabeleireira que descobre a morte de sua amiga chamada Mandy e, a partir disso, não necessariamente investiga quem matou, mas como lidar com isso. O modelo de investigação da personagem está totalmente voltado para a sociedade e questiona todos os problemas sociais envolvendo a comunidade Trans nos EUA. Bobbi narra de forma autodiegética a sua experiência enquanto uma mulher transexual lidando com amigos, colegas de trabalho, clientes e com a sociedade através da comunidade. O crime de sua amiga desperta reflexões na personagem que vai, através de treze meses de sua rotina, quebrando conceitos e apontando o crime, enquanto ilustra o ponto de vista Trans sobre a transexualidade. A coleção também conta com títulos como *A kind of justice* (2016) e *Seven suspects* (2017).

Antes de entrarmos nas discussões acerca do tema no título proposto, uma breve elucidação é importante. Ao pesquisar sobre corpo na literatura, acabamos por esbarrar algumas vezes no estudo da fenomenologia, de Benjamin,¹ que estuda a relação do corpo leitor ou autor com a obra. Longe de diminuir a relevância de tais pesquisas, ressaltamos que a fenomenologia não faz parte da nossa ótica, uma vez que focaremos na relação do corpo na literatura e

1. Benjamin, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política (3ª ed.). São Paulo: Brasiliense, 1987.

não do corpo com a literatura. Assim, a construção de personagens e suas corporificações nos guiarão neste artigo.

Recentemente, a pauta Trans tem sido levantada pelas mídias de comunicação. Para usar como exemplo a mídia brasileira, a Rede Globo de Televisão em 2017 veiculou uma novela chamada *A força do querer*, na qual uma personagem de destaque era Transsexual. Programas da mesma rede como *Saia Justa e Amor & Sexo* também discutem a pauta. Recorrentemente nesses espaços são reproduzidos senso comuns aos muros da cisgeneridade e binaridade com afirmações como “homem preso no corpo de mulher”, “nasceu no corpo errado” ou como o relato de Bobbi, protagonista de TM: “Muitas pessoas nascem com um corpo masculino ou feminino e esse é o gênero com que elas se identificam. Mas alguns de nós não temos essa sorte. Eu nasci um garoto, mas em meu coração, eu sempre fui uma garota...”²⁻³. As afirmativas anteriores são falaciosas por serem baseadas em premissas falsas.

Butler (1993), ao apontar como o gênero é construído, aponta como o sexo também é. Nem geneticamente, nem biologicamente a binaridade sexual é justificada. Retomemos, pois, as colocações de Foucault (2003) sobre a manipulação forçada de corpos que fogem à regra. Partindo dessa ideia, podemos reescrever três premissas falsas nas

informações acima: 1- não existe o “nascer no corpo de homem ou de mulher”, existe o nascer em um corpo que foi dito ser de homem ou de mulher, podendo essa imposição posteriormente ser compreendida como verdadeira ou falsa; 2- A ideia equivocada de “nasci como um garoto, mas no meu coração sempre fui menina” coloca a transexualidade (ou transgeneridade) no campo do sentimento. Uma afirmação pautada em uma premissa não falaciosa diria que “a minha identidade foi construída nos parâmetros femininos, embora me julgassem um menino e me educassem para tal papel”; 3- Não existem corpos errados. Os indivíduos têm (ou deveriam ter) o direito de alterar seus corpos para melhor representarem suas identidades; isso não torna aquele corpo errado ou abjeto. A pessoa Trans permanece no mesmo corpo após as possíveis alterações e é com pauta nessa premissa falaciosa que se crê que uma mulher Trans é um homem, por exemplo, uma vez que se afirma que aquele corpo é errado, é masculino; ou ainda se justifica o assassinato de pessoas Trans, uma vez que seus corpos são erros, abjetos. A compreensão de tais visões é fundamental para a entender o ponto de vista deste artigo.

TM possui certa diversidade no que tange a corpos Trans. É possível apreender um grande número de pessoas Trans no desenrolar da obra, devido ao fato de a protagonista fazer parte de um grupo de apoio a pessoas Trans

2. JAMES. *Transition to murder*, p. 31. “– Most people are born with a male or female body and that’s the gender they identify with. But a few of us aren’t so lucky. I was born a boy but in my heart, I’ve always been a girl...”

3. Todas as traduções presentes no texto são nossas, exceto quando devidamente explicitado em referência bibliográfica.

chamado TransGender Alliance (TGA). A narradora descreve que o grupo é mais frequentado por pessoas MTF de mais idade, uma vez que, de acordo com a narrativa, pessoas FTM ganham uma passabilidade maior e pessoas mais novas com qualquer identidade podem se refugiar nos campus de universidades Trans aliados.⁴ Entretanto, essas personagens não ganham destaque nem descrição, embora seja compreensível que suas existências tendem a abranger o senso de comunidade da narrativa. Onze personagens são nomeadas e/ou ganham descrições ao longo da obra. Nomeadas são Bobbi (protagonista da obra), Cecelia, Mandy, Camille, Laurie, Jen e Jo-jo. Aparece uma personagem chamada Emily que não é descrita como Trans nem sua aparência é detalhada, mas o contexto dá a entender que faz parte do TGA.⁵ O mesmo ocorre com Rebecca⁶ e Tina.⁷ Uma personagem Trans é descrita com o *serial killer* da obra, mas não é nomeada. Exceto pelas que são apenas nomeadas, nos aprofundaremos em suas características físicas e, como a narrativa é autodiegética, sobre a relação de Bobbi com seu corpo ou sua percepção do corpo alheio.

Cecelia é uma mulher Trans completamente transicionada por muitos anos.⁸ Ao usar a expressão “completamente transicionada”, a narrativa não aborda os processos pelos quais Cecelia passou. Uma breve descrição de seu corpo ocorre quando Bobbi e ela vão à praia.

Eu encontro Cecelia. Não é difícil. São dez da manhã de uma terça. Tem apenas algumas pessoas espalhadas pela praia e apenas uma loira platinada de quase dois metros. Ela está vestindo um maiô que minimiza seu sobrepeso alojado na barriga. O maiô é modesto, mas revela seus seios fartos de uma forma que suas roupas de gola alta e seus tops não fazem.⁹

Os seios avantajados da personagem podem indicar dois processos: a predisposição genética ao uso de hormônios, ou seja, tendência hereditária ao crescimento dos seios e/ou o implante de próteses de silicone nos seios. A hormonização em pessoas MTF causa o crescimento das mamas; entretanto, de forma geral o crescimento gera seios pequenos. A predisposição hereditária pode fazer crescer seios grandes, enquanto sua ausência ou o desejo de mudança pode levar ao implante de silicone.

Mandy é a primeira personagem a aparecer na obra. É a partir de seu homicídio que a narrativa se desenvolve. Sendo considerada uma grande amiga de Bobbi antes desta se aproximar de Cecelia, sua morte foi impactante para o TGA e a investigação foi o motivo de aproximação entre Cecelia e Bobbi. Mandy é descrita como

4. JAMES. *Transition to murder*, p. 22.

5. JAMES. *Transition to murder*, p. 193.

6. JAMES. *Transition to murder*, p. 44.

7. JAMES. *Transition to murder*, p. 45.

8. JAMES. *Transition to murder*, p. 24.

9. JAMES. *Transition to murder*, p. 99. “I find Cecelia. It’s not hard. It’s ten o’clock on Tuesday morning. There are only a few people scattered around the beach, and only one is a six-foot-something platinum blonde. She is wearing a one-piece swimming suit that minimizes her heaviness, which is in her belly. The suit is modest, but it reveals her large breasts in a way her high-neckline dresses and tops don’t.”

10. JAMES. *Transition to murder*, p. 25. “[...] one of the most beautiful women I’ve ever seen, trans or genetic. She was beautiful even before she transitioned and afterward she was beyond stunning. She was 5’-5” with a willowy build, thick lush hair that changed color several times a year, an oval face, and shapely legs. Hormones gave her a nice set of perky breasts and gradually feminized her facial features even more. Her voice was androgynous, a hint of smoky resonance at the octave where men’s and women’s ranges meet. [...] I would have given anything to be her. Physically at least.”

11. JAMES. *Transition to murder*, p. 26.

[...] uma das mulheres mais bonitas que eu já vi, Trans ou genética. Ela era bonita mesmo antes de transicionar e depois ela ficou pra lá de maravilhosa. Ela tinha 1,67m com um corpo esbelto, com um cabelo grosso e exuberante que mudou de cor várias vezes ao ano, um rosto oval e pernas formosas. Os hormônios lhe deram um par enérgico de seios e gradualmente feminizaram ainda mais os traços do seu rosto. Sua voz era andrógina, uma pista de ressonância na oitava onde os alcances masculinos e femininos se encontram. [...] Eu daria qualquer coisa para ser ela, pelo menos fisicamente.¹⁰

A narrativa aponta que a personagem fez a cirurgia de redesignação genital há mais de um ano antes de ser assassinada.¹¹ Tal cirurgia constrói uma vagina usando os tecidos do pênis. Mandy conhecia bem os limites do seu corpo e, apesar de ter trabalhado como prostituta e dançarina de boate, estava se organizando para conseguir uma profissão que lhe permitisse se afastar da prostituição. A diferença gerada pela passabilidade de Mandy é assinalada por Bobbi ao contrastar com quem não tem essa alternativa.

Nós, garotas feias, achamos que as garotas bonitas estão garantidas, mas não é verdade. A beleza de Mandy lhe deu portas abertas para uma vida que não estava disponível pra mim e ela a agarrou. Isso significa dinheiro bom e

majoritariamente fácil. Quando se vive metade da sua vida sofrendo abuso de homens por ser efeminada, tê-los a cobijando é como uma fantasia se tornando realidade. Mas, uma vez que você segue esse caminho, é muito difícil sair dele.¹²

Garotas feias a quem Bobbi se refere são as mulheres Trans e travestis que não têm grande passabilidade, pois possuem traços considerados masculinos evidentes. Por não terem como esconder a transgeneridade, de acordo com o pensamento da personagem, algumas pessoas correm mais risco de violência física e moral. Ela mesma conclui que não é verdade, uma vez que Mandy foi brutalmente assassinada. Posteriormente, Mandy é apontada como um sinal de esperança para pessoas Trans por conseguir alcançar uma aparência que será aceita pela sociedade.¹³

É importante salientar, ainda, que a passabilidade não é uma regra. Abordar pessoas Trans sem passabilidade como feias é reafirmar os modelos cisnormativos de beleza. É imprescindível que a população Trans se movimente a fim de encontrar beleza em seus parâmetros para que a cisnormatividade disfarçada de passabilidade não se torne uma imposição. Da mesma forma que o movimento negro percebe a construção da beleza normativa como sendo branca e reconstrói padrões que decolonizem tal visão é necessário

12. JAMES. *Transition to murder*, p. 26. “We ugly girls think pretty girls have it made, but it’s not true. Mandy’s beauty gave her a doorway to life that wasn’t available to me and she took it. It meant good money and it was mostly easy. And when you’ve lived half your life taking abuse from men for being effeminate, having them finally lust for you seems like a fantasy come true. But once you start down that path, it’s very hard to go anywhere else.”

13. JAMES. *Transition to murder*, p. 105.

que rompamos com o subjugo e a abjeção de nossos corpos, promovendo a queda da cisnormatividade opressora.¹⁴

A próxima personagem a ser abordada é Camille, psicóloga de Bobbi e também psicóloga comunitária do TGA. Bobbi fornece características detalhadas de Camille.

Camille é ela mesma uma transmulher. Ela é bastante alta – três centímetros mais alta que eu. Ela é uma dessas mulheres que são atraentes sem serem bonitas. Ela é bem magra e usa roupas de bom gosto de cores moderadas. Ela se move, senta e levanta graciosamente. Ela tem a voz suave. Seu cabelo à altura do ombro é cacheado e tem tendência ao frizz, mas é feminino e a simplicidade do estilo dela funciona muito bem com o resto dela. [...] Camille parece um pouco com a professora do velho filme *Primavera de uma solteirona*.¹⁵

Parte das características atribuídas à personagem é relacionada com o fato de ser psicóloga. Não existe muita profundidade nas referências a Camille. A personagem sempre aconselha a Bobbi ou a outras pessoas na presença desta, quando está atendendo em grupo. Sua sabedoria também pode estar relacionada ao seu papel na obra. Como psicóloga da protagonista, esta direciona a personagem e o leitor a diferentes visões sobre o ser Trans, como o se impor, se

valorizar, melhorar a autoestima, buscar segurança nas pessoas, entre outras orientações referentes à identidade.

Laurie é a única criança das personagens Trans na narrativa. Seu pai, Ray, é um cliente de Bobbi no salão em que trabalha e busca com ela conselhos sobre sua filha Trans. Em um encontro com Ray, quando este afirma que crê ter uma criança Trans em casa e pergunta o que fazer, Bobbi responde

— Ray, muitas crianças se montam na infância. A maioria delas parte para outras coisas. É apenas um dos muitos experimentos que as crianças fazem enquanto estão crescendo. Mas, para algumas crianças, isso não é algo que passa com a idade. Alguns de nós escondem isso para que nossos pais não fiquem histéricos e nós não precisemos lidar com vizinhos valentões, mas isso permanece lá quando temos dez, vinte, cinquenta e cinco anos. Se for um de nós, não passará com a idade. Alguns mantêm isso escondido por toda vida. Fazem a vida no corpo com o qual nasceram. Mas alguns de nós fazemos algo a respeito disso.¹⁶

Laurie é uma dessas pessoas que resolvem fazer algo referente a isso. A narrativa não demonstra um conhecimento de Laurie sobre sua construção identitária, até porque existe um duplo filtro narrativo, uma vez que é a visão do

14. VERGUEIRO. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes*, p. 59.

15. JAMES. *Transition to murder*, p. 179. "Camille is a transwoman herself. She is very tall—an inch taller than I am. She is one of those women who is attractive without being beautiful. She's very slim, and wears tasteful clothing in subdued colors. She moves, sits, and stands gracefully. She has a soft voice. Her shoulder-length hair is curly and prone to frizz, but it's feminine and the simplicity of her style works very well with the rest of her. [...] Camille is a little like the teacher in the old movie *The Prime of Miss Jean Brodie*."

16. JAMES. *Transition to murder*, p. 66. "— Ray, lots of kids cross-dress as children. Most of them move on to other things. It's just one of many life experiments that kids do as they grow up. But for some kids, it's not something you outgrow. Some of us hide it so our parents don't get hysterical and we don't have to deal with neighborhood bullies, but it's still there when we turn ten and twenty and fifty-five. If you're one of us, you don't outgrow it. Some keep it hidden all their lives. They make a life in the body they were born with. But some of us do something about it."

pai contando pra Bobbi e a visão da Bobbi sobre o assunto narrado. Posteriormente, existe um aprofundamento maior sobre a garota

Laurie tem quase onze anos. Eles a estão levando à Marilee uma vez por semana e têm uma sessão familiar a cada duas semanas. Laurie é uma garota em casa, mas vai terminar o ano letivo como garoto na escola. Próximo outono, eles a levarão como garota para outra escola. Ray está pagando por tudo. Eles vão pesquisar sobre bloquear a puberdade dela até ela ter idade o suficiente para começar os hormônios femininos – ou decidir que prefere ser um menino.¹⁷

O acompanhamento psicológico é fundamental para a transição, principalmente em caso de indivíduos com tão pouca idade quanto Laurie. É de extrema importância que a saúde mental permaneça estabelecida e que a construção identitária da criança não seja diretamente interferida pelos pais, tanto para forçá-la a se construir cis como para confundir experimentação com transexualidade. Um dos pontos mais importantes quando se trata de transgeneridade em crianças é explorado no trecho: o respeito. Respeito ao tempo da criança em não fazer algo que mudará a sua vida pra sempre, como a hormonização, antes que a criança tenha livre consciência e escolha tal procedimento. Respeito à família e à sociedade ao abordar a

questão com calma, sem interferir diretamente no espaço de ninguém. Respeito à criança, que terá liberdade de ser, viver e se construir sem ter a obrigação de suprir as expectativas dos pais. Respeito às identidades que desviam dos muros cisnormativos e criam meios de desabrochar.

Em um momento de enfrentamento ao *serial killer* da obra, Bobbi se depara com outra pessoa Trans com ele se relacionando. A personagem não é nomeada, uma vez que a narradora não a conhece, e é chamada de “a namorada”. Sua descrição física nos permite debater outras questões que cercam a população Trans.

Uma mulher Trans magra com um cabelo muito longo, muito loiro e uma blusa super decotada que mal cobre os mamilos de seus seios bulbosos abre seu celular e o segura contra seus cabelos platinados. Ela aparenta ter em torno dos dezoi- to anos, mas o trabalho extensivo em seu corpo sugere que tenha percorrido metade da casa dos vinte. Seus peitos são pelo menos parcialmente plastificados, seus lábios são excessivamente preenchidos e o sorriso não sai certo. Sua maçã do rosto parece artificialmente alta e a pele em volta de seus olhos foi esticada para fazer um rosto masculino parecer feminino. Funciona. Ou deveria. Ela está vestindo dezenas de milhares de dólares em cirurgia plástica, sem mencionar seu investimento em um “encanamento”¹⁸ feminino.¹⁹

17. JAMES. *Transition to murder*, p. 157-158. “Laurie is almost eleven. They are taking her to Marilee once a week and they have a family session every two weeks. Laurie is a girl at home but will finish out the school year as a boy at school. Next fall, they’ll enroll her as a girl at another school. Ray is paying for everything. They’re going to see about blocking her puberty until she’s old enough to start female hormones — or decides she’d rather be a boy.”

18. A palavra “plumbing” pode ser literalmente traduzida como encanamento, mas é usada informalmente para se referir ao sistema urinário.

19. JAMES. *Transition to murder*, p. 268. “A skinny transwoman with very long, very blonde hair and a super-low-cut blouse barely covering the nipples of her bulbous breasts opens her cell phone and holds it to her white-blonde hair. She looks to be all of eighteen, but the extensive work on her body suggests someone at least in their mid-twenties. The breasts are at least part plastic, her lips are too full and don’t smile quite right, her cheekbones seem artificially high, the skin around her eyes has been stretched to make a masculine face look feminine. It works. It should. She’s wearing tens of thousands of dollars of plastic surgery, not to mention her investment in female plumbing.”

A personagem não nomeada carrega em si um grande peso trazido pela cisnormatividade e pela binaridade. Muitas vezes, para tentar alcançar um padrão de beleza cis-normativo, indivíduos Trans, assim como alguns indivíduos cis, principalmente os que interagem com a feminilidade, exageram nas cirurgias plásticas. A busca excessiva para suprir um padrão de beleza surreal levam as mulheres cis a manipularem seus corpos visando alcançar uma estética “perfeita” e as pessoas Trans a seguir a mesma lógica por um caminho mais árduo, uma vez que suas características físicas são consideradas masculinas. Seguindo essa lógica, nenhum tipo de mulheridade (nem cis, nem Trans) corresponde a uma beleza natural; todas precisam se modificar para alcançar um padrão que não corresponde ao real, afetando diretamente sua autoestima.²⁰ É necessário reafirmar que os padrões de beleza impostos às cis-feminilidades são absurdos e se dobram na imposição quando postos a pessoas Trans para que sejam compreendidas em sua identidade. Dessa forma, ao modificarem seus corpos para que representem sua feminilidade e sejam validados como tal, os corpos Trans ainda precisam suprir o padrão de beleza feminino. Por fim, da mesma forma que previamente explicitamos que os indivíduos precisam ter o direito de modificarem seus corpos de acordo com seus desejos, enfatizamos que as modificações não devem ser impostas nem para validação estética nem identitária.

20. JAMES. *Transition to murder*, p. 40.

Jo-Jo é uma personagem Trans que está em seu processo inicial de transição. Está no começo da utilização de hormônios.

Enquanto eu abro a porta do meu apartamento, dou uma olhada mais de perto em Jo-Jo. Seu nome é claramente derivado do nome Joe e ele se parece muito mais com Joe do que com Jo-Jo. Ele aparenta ser um jovem rapaz, vinte e poucos anos, cerca de 1,77m, nem gordo nem magro. Ele tem um rosto atraente, masculino, mas com uma pele macia e lisa e certo arredondado em seu rosto, sem aquela estrutura óssea pontiaguda. Seu cabelo ponta abaixo do queixo, grosso, louro médio, com uma ondulação natural. Quando entramos no apartamento e tiramos os casacos, noto que Jo-Jo tem mamilos longos e pontudos cutucando sua blusa de manga comprida. Estrogênio. Eu mentalmente troco meus pensamentos sobre Jo-Jo como homem para os pensamentos como uma transmulher. Sua pele e desenvolvimento dos seios indicam que ela está usando hormônios. Os mamilos grandes combinados com seios relativamente subdesenvolvidos me fazem pensar que ela não tem usado hormônios por muito tempo. Ouvi que algumas transexuais dizem que sua reação inicial ao estrogênio foi a formação de mamilos enormes, com o desenvolvimento completo dos seios ocorrendo depois. A suavidade de sua pele aparenta mais um programa hormonal prolongado.²¹

21. JAMES. *Transition to murder*, p. 148. “As I unlock my apartment door I take a closer look at Jo-Jo. His name is obviously derived from the name Joe, and he looks a lot more like a Joe than a Jo-Jo. He looks like a young male, mid-twenties, about 5- 10, medium build. He has pleasant features, masculine but with soft, smooth skin and a sort of roundness to his face rather than sharply defined bone structure. His hair falls just below the jaw, thick, medium-blond with a nice natural wave. When we get in the apartment and take off our coats, I note that Jo-Jo has long, pointy nipples poking from his long-sleeve T-shirt. Estrogen. I mentally switch from thinking of Jo-Jo as a man to thinking of her as a transwoman. Her skin and breast development indicate she’s on hormones. The large nipples combined with relatively undeveloped breasts make me think she hasn’t been on hormones very long. I’ve heard some transsexuals say their initial reaction to estrogen was the formation of enormous nipples, with the fuller breast development coming later. The smoothness of her skin seems more like a long-term hormone program.”

Suas características físicas ainda estão associadas ao masculino à primeira vista, mesmo para pessoas Trans. Apesar de o movimento Trans ter como um de seus objetivos a derrubada da imposição de gênero e dos problemas acompanhados dela, isso não significa que ocorrerá da noite para o dia. Da mesma forma que o gênero é imposto, a manutenção dessa imposição é constante no senso comum, logo, o esforço para sua derrubada é diário e constante. Em uma sociedade cisnormativa e binária, é comum que se infira o gênero de outra pessoa. Tão importante quanto o esforço para não cumprir tal papel é respeitar a verdade alheia. Apesar de inferir uma masculinidade acerca de Jo-Jo, a narradora em seguida percebe seu equívoco e se corrige para outra inferência. Independente das inferências efetuadas por Bobbi, esta só se refere a Jo-Jo usando generificação quando sua história lhe é contada e se utiliza o feminino e, apesar de ser difícil para ela encontrar feminilidade em Jo-Jo, ela tenta não julgá-la e respeita sua identidade.²²

A citação do encontro com Jo-Jo levanta outro ponto interessante nas modificações efetuadas em corpos Trans: a individualidade. A terapia hormonal não é uma fábrica de bonecas. Cada corpo responde de uma forma aos medicamentos e cada grupo de medicamentos responde melhor a determinados corpos. Os efeitos positivos em uma pessoa podem ser negativos em outra. Além do mais, nem todas as

pessoas Trans que buscam a hormonização têm o mesmo objetivo. Nem toda pessoa Trans que utiliza hormônios busca um corpo de modelo. Para algumas pessoas, mais importante do que se encaixar no padrão de beleza, está a passabilidade, que muitas vezes será melhor encontrada em um tipo de corpo mediano do que em um “bombado”. Jo-Jo mostra como, em seu caso, as mudanças nos mamilos e na pele foram os primeiros a acontecer. Ao que a narrativa indica, não foi o caso de Bobbi, que só ouviu falar sobre isso.

Jen é um potencial relacionamento romântico para Bobbi. A personagem aparece no fim da obra, quando Bobbi está fazendo uma exposição de penteados e a espectadora a chama para jantar. Jen representa na narrativa a parte da população Trans que burla os muros da binaridade. Quando ela se encontra com Bobbi, está usando roupas masculinas que ainda projetam sua feminilidade.²³ Sua descrição não nomeia sua identidade de gênero, talvez por demonstrar uma indiferença acerca do assunto.

Ela tem trinta e poucos anos. Tentou o casamento. Ela teve namoradas e namorados. Uma de suas namoradas se tornou um namorado enquanto estavam juntos. Ela decidiu que é indiferente sobre sexualidade e está caminhando para o mesmo com a identidade de gênero. Eu falo pra ela sobre as crianças de “gêneros não-conformes” em Chicago, que

22. JAMES. *Transition to murder*, p. 149.

23. JAMES. *Transition to murder*, p. 316.

24. Uma vez que a personagem prefere os dois ou tanto faz, optou-se conscientemente por misturar os gêneros na tradução.

25. JAMES. *Transition to murder*, p. 316. "She's in her mid-thirties. She tried marriage. She's had girlfriends and boyfriends. One of her girlfriends became a boyfriend while they were together. She has decided she is indifferent about sexuality, and she's getting that way with gender identity too. I tell her about the "gender queer" kids in Chicago who often mix male and female appearances. One young bearded man I knew would go out on the town in mostly male attire except for a female top and a bra stuffed with silicone breast forms. One of my customers is a young woman who sometimes wears male clothing and adopts male mannerisms, but still looks like a woman. "Do you prefer to be referred to as a female or a male?" I asked her the first time we met. "Either," she said. "Or both."

26. A informação pode ser acessada no site do governo de Nova Iorque com o link: <https://www1.nyc.gov/assets/cchr/downloads/pdf/publications/GenderID_Card2015.pdf>. Acesso em: 14 de novembro de 2017.

geralmente misturam as aparências masculinas e femininas. Um jovem rapaz barbado que eu conheci saía pela cidade com a maior parte da roupa masculina, exceto pelo top feminino e um sutiã com seios artificiais de silicone. Um dos meus clientes é uma jovem moça²⁴ que às vezes veste roupas masculinas e adota os trejeitos masculinos, mas continua se parecendo mulher. – Você prefere que se refiram a você no masculino ou no feminino? – eu perguntei a ela quando nos vimos pela primeira vez. – tanto faz – ela disse – ou os dois.²⁵

A androginia envolta na personagem abre espaço para a breve discussão acima acerca de não-binaridade. Recentemente, foram reconhecidas mais de trinta diferentes identidades de gênero e as suas expressões ocorrem das mais variadas formas.²⁶ A validade das identidades e de suas expressões não é um campo aberto para debate a este ponto do artigo. Compreendemos até aqui que cada indivíduo constrói sua identidade conforme lhe melhor couber desde que não interfira de forma direta na identidade do outro, como seria se os pais de Laurie a forçassem a seguir uma cishnorma, por exemplo. Levar as expressões de gênero com leveza e humor também é parte da transgeneridade. Alguns indivíduos compreendem os gêneros como base para criação e mistura de algo novo, de novas formas de se expressar e de viver no mundo. Entender as características de gênero

como flexíveis e moldá-las de acordo com o que se almeja é um dos movimentos mais evidentes da não-binaridade.

Por fim, se analisará Bobbi, a protagonista da obra, através das informações que esta nos concede, uma vez que é a narradora. A começar por seus atributos físicos, Bobbi afirma que

[...] Tenho trinta e oito anos, um metro e oitenta e dois de altura e peso setenta e sete quilos. Meses de bloqueadores de testosterona e suplementos de estrogênio me deram um par bem formado de seios e uma pele mais suave, além de ter encolhido minha genitália masculina. Lasers eliminaram minha barba e pouco do pelo corporal continuou a crescer após eu começar os hormônios. Minha personalidade mudou também. Estou mais inclinada a chorar e alonguei o pavio do meu temperamento.²⁷

Bobbi passa por alguns procedimentos que auxiliam o processo de transição. O primeiro deles é a utilização de hormônios. Conforme pode ser percebido no trecho do livro, a hormonização feminina administrada por Bobbi é composta por um bloqueador de testosterona e um gerador de estrogênio. Isso se dá pelo fato de a testosterona ser um hormônio forte, que gera os traços tidos como masculinos, como barba e voz grossa, se sobrepor ao estrogênio,

27. JAMES. *Transition to murder*, p. 8. "[...] I'm thirty- eight years old, six feet tall and weigh 170 pounds. Months of testosterone blockers and estrogen supplements have given me a set of shapely breasts and softer skin and caused my male genitalia to shrink. Electrolysis has eliminated my facial hair and what little body hair continued to grow after I started the hormones. My personality has changed, too. I am more prone to crying and have less of an edge to my temper."

que, por sua vez, é o responsável por características ditas femininas, como seios e uma pele mais fina. A força da testosterona é tamanha que as transições transfemininas precisam de um bloqueador de testosterona, enquanto as transmasculinas não precisam de um bloqueador de estrogênio. Na personagem, os efeitos causados pelos hormônios são: o crescimento dos seios, suavização da pele, diminuição de pelos, mudanças de humor e atrofia genital. Na citação, a personagem também aborda os pelos faciais, que podem não sumir totalmente com o uso de hormônios, levando-a a efetuar uma depilação a laser, também conhecida como depilação definitiva, na área do rosto e pescoço.

Os hormônios, no que tange à atrofia da genital, podem diminuir o tamanho do pênis e dos testículos, conforme Bobbi cita ao narrar que “meu médico me diz que eventualmente meus testículos terão o tamanho de ervilhas. Eu me pergunto se isso torna a castração mais fácil. Me pergunto se terei pele o suficiente no escroto pra fazer uma vagina”.²⁸ Para algumas pessoas Trans isso é uma preocupação por conta da utilização do pênis, seja em caso de prostituição ou em caso em que tais pessoas, mesmo transitando para o feminino, gostarem de ter/usar o órgão. Ter disforia genital não é uma regra da transexualidade. Não ocorre em todos os casos e, em outros, por mais que se tenha o desejo de realizar a cirurgia de redesignação genital, não o fazem

por utilizarem o pênis a serviço ou não terem dinheiro para pagar o procedimento.²⁹ Em outros casos, como o da protagonista, a atrofia do pênis é uma preocupação por ser utilizado como uma base para a construção da vagina, logo, caso não tenha material necessário, a cirurgia dependerá de outros cortes que podem alongar mais o processo de cicatrização.

É notório pela citação anterior o desejo de Bobbi de efetuar a referente cirurgia. O desejo é mais explicitado em um trecho onde esta expressa seus anseios futuros. “Eu quero fazer cabelos. Quero usar roupas de garota, ir às compras e fazer minha cirurgia [...]”.³⁰ Ao longo da obra, a personagem vai ganhando cada vez mais certeza desse aspecto e, por isso, consegue o aval da psicóloga para realizar a cirurgia. Aval importante, uma vez que o laudo psicológico é um dos exames solicitados para o procedimento.

Em sua relação com sua genitália, a cabeleireira aborda aspectos importantes de se focalizar. A primeira delas é sobre disforia. Quando elenca em sua mente motivos para a cirurgia, a personagem diz que “eu não odeio a minha genitália masculina, mas eu também não tenho um uso real pra ela”.³¹ Existe um mito no senso comum, que paira sobre o tratamento médico a pessoas Trans, de que a transexualidade é sinônimo de ódio/disforia à genital. Essa afirmação

28. JAMES. *Transition to murder*, p. 43. “My doctor tells me that eventually my testicles will be the size of peas. I wonder if that makes castration easier. I wonder if there will be enough skin from the scrotum to make a vagina.”

29. JAMES. *Transition to murder*, p. 22.

30. JAMES. *Transition to murder*, p. 253. “I want to do hair. I want to wear girlie clothes and go shopping and have my surgery [...]”

31. JAMES. *Transition to murder*, p. 130. “I don’t hate my male genitalia, but I don’t really have a use for them, either.”

não é totalmente falsa, como também não é totalmente verdadeira. Algumas pessoas não têm disforia e por isso não desejam realizar a cirurgia. Algumas não têm disforia, mas desejam realizar a cirurgia por preferir viver com o outro órgão, como é o caso de Bobbi. Algumas têm disforia e esse é o motivo para desejarem a cirurgia. Como a personagem demonstra ao longo da obra, não é necessariamente um ódio destinado à sua genitália que a leva a desejar a cirurgia, mas compreender que ter uma vagina completa melhor a expressão corporal que representa sua identidade.

– Eu concluí que eu nunca serei uma mulher da mesma forma que uma mulher genética é uma mulher. Eu acho que não importa quão completamente eu evolua, eu sempre verei o mundo como uma transmulher, como alguém que viveu metade de sua vida como homem e depois mudou de gênero. [...] Eu não sou um homem. Isso é o que eu sou e eu quero uma vagina que condiga com isso.³²

Embora deseje tal cirurgia, a personagem tem plena consciência de que isso não é um fator determinante para a identidade. Conforme debatido previamente, Bobbi compreende que ser mulher não é sinônimo de ter uma vagina e que, embora seja relevante, sua identidade não precisa da cirurgia para validação, uma vez que “– não, meu gênero não é mais uma questão. Sou uma mulher. — eu digo. — Se você fizer

amor comigo, você estará fazendo amor com uma mulher, não importa qual parte do corpo eu tenha. [...]”.³³ Tal visão é importante para que haja uma dissociação entre sexo e gênero, ou seja, entre morfologia corporal e identidade.

Por fim, é relevante trazer aqui a fala de outra personagem acerca de Bobbi. Uma vez que esta é a narradora da história, devemos sempre desconfiar de suas impressões. Levando em conta que é uma personagem Trans que conhece sua fisionomia antes da transição e possui questões com a aparência e autoestima por não ter passabilidade, devemos desconfiar o dobro quando esta descreve sua aparência. Marilee, uma amiga psicóloga decide descrever Bobbi para a mesma dizendo que

– Bobbi, olha! Você é um ser humano atraente. Você deveria ver isso melhor que eu. Eu já ouvi você falando isso para suas clientes. Você tem uma maravilhosa estrutura óssea, um cabelo bonito, um corpo esbelto, belos peitos. Querida, você não parece com a Barbie e talvez algumas pessoas não enxerguem como uma mulher genética, mas, Bobbi, você é uma pessoa atraente. Você é bonita do seu jeito. Agora tire essa baboseira de aparência da sua cabeça e siga sua vida. Você é uma mulher doce, calorosa e maravilhosa. – Ela para por um segundo ou dois. – sim, mulher. Só aceite isso e siga em frente.³⁴

32. JAMES. *Transition to murder*, p. 229. “– I’ve concluded that I won’t ever be a woman like a genetic woman is a woman. I think no matter how completely I evolve, I will see the world as a transwoman, as someone who lived half her life as male, then changed genders. [...] I’m not a man. This is what I am. And I want a vagina to go with it.”

33. JAMES. *Transition to murder*, p. 317. “– No. My gender isn’t an issue anymore. I’m a woman, I say. If you make love to me, you’ll be making love to a woman no matter what body parts I have. [...]”.

34. JAMES. *Transition to murder*, p. 145. “– Bobbi, look! You are an attractive human being. You should see this better than I do. I’ve heard you say it to your clients. You have great bone structure, beautiful hair, a slim body, nice boobs. Honey, you don’t look like a Barbie Doll and maybe some people don’t see you as a genetic woman, but, Bobbi, you are an attractive person. You are pretty in your own right. Now get all the appearance nonsense out of your mind and get on with your life. You are a sweet, warm, wonderful woman.” She pauses for a beat or two. “Yes, woman. Just accept it and move on”.

A cisnormatividade afeta tanto os conceitos de beleza de Bobbi que esta não consegue se achar bonita por não atender à passabilidade. Isso não apenas interfere no modo como ela enxerga as suas características ditas masculinas, mas também suas características ditas femininas, como os seios, cabelos, entre outras formações de si. A personagem não consegue enxergar em si beleza por não conseguir estender aos parâmetros estéticos sua compreensão de identidade. Se ela é uma mulher e tem aquela aparência, logo aquela é a aparência de uma mulher, cumprindo os padrões ou não. Achar beleza nisso é um esforço necessário que, por mais que possa ter auxílio externo como o proporcionado por Marilee, precisa ocorrer internamente.

TM apresenta grande descrição de suas personagens, tanto no sentido físico do que a narradora enxerga, como as possíveis especificidades da transgeneridade alterando o corpo. Apesar de ser a obra com a maior diversidade de corpos Trans, BAP não os descreve com tanta precisão. A obra em questão conta com vinte e duas personagens Trans, sendo elas, por ordem de aparição: 1- a personagem protagonista não nomeada;³⁵ 2- Ceren (p. 8); 3- Fatoş *abla* (p. 9); 4- Afet (p. 11); 5- Gül (p. 14); 6- Sirma (p. 35); 7- Gönül (p. 48); 8- Ponpon (p. 77); 9- Neslihan (p. 85); 10- Elvan (p. 85); 11- Mujde (p. 85); 12- Cise (p. 85); 13- Pamir (p. 85); 14- Musa (p. 87); 15- Funda (p. 87); 16- Deniz (p. 88);

17- Muhammet (p. 88); 18- Aylin (p. 105); 19- Vuslat (p. 112); 20- Demet (p. 114); 21- Davut (p. 188); 22- Gürhan (p. 192). Essa grande gama de personagens é importante para que se compreenda a população Trans efetivamente como comunidade e não pareça uma figura isolada só para constar.

Para que se represente um grupo social marginalizado na literatura, além de contrastar com o grupo hegemônico é importante contrastar construções identitárias marginalizadas entre si. Dessa forma, além de mostrar a diferença entre as personagens cis e Trans, também se quebra a possibilidade de entender aquele único indivíduo como regra geral da comunidade e, assim, não se associe toda mulher (e/ou personagem) Trans com Bobbi, por exemplo. Dessa forma, BAP diversifica os ideais ao diversificar os corpos.

A primeira personagem da obra a ser abordada aqui é Fatoş *abla*, a depiladora da protagonista. Sua aparição ocorre apenas no início da obra, logo após a protagonista descobrir através do jornal a morte da primeira travesti. É descrita como

[...] uma travesti idosa. Antes de ficar decrépita demais, e para evitar — como ela própria disse — “virar uma aberração”, ela tinha mudado de carreira. Fatoş *abla* vai de casa

35. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 1.

em casa depilando ombros, tirando sobrancelhas e até mesmo aplicando uma ou outra injeção de hormônios quando solicitada.³⁶

Apesar de não estar escrito na obra, pode-se inferir dois tipos de trabalhos a partir da narrativa: prostituição ou espetáculo. Exceto pela protagonista, todas as outras personagens se enquadram nesses empregos. Ponpon é a *drag queen* do grupo, enquanto as demais são prostitutas. Ao mudar de carreira, Fatoş *abla* deixa uma das duas carreiras previstas para travestis na obra e segue como depiladora por entender que não tem mais idade para seguir a carreira anterior, fugindo às estatísticas. Fatoş *abla* é a única Travesti descrita como velha na obra. Isso pode ser relacionado ao fato de muitas morrerem jovens, conforme a própria obra aponta.

Posteriormente, a obra faz uma descrição mais detalhada da personagem, relatando que “quanto mais velha ela fica, menos se dá ao trabalho de cuidar da maquiagem e da aparência. Por causa disso, ela tem um aspecto estranhamente comum. Se eu cruzasse com ela na rua, a descreveria como uma mulher grande de traços fortes [...]”.³⁷ Uma vez que não existe mais a necessidade de provar sua feminilidade, já que possui características estranhamente comuns, a personagem não se sente mais forçada a cumprir determinados

papéis, como utilizar maquiagem e exagerar nos cuidados de sua aparência. A velhice, assim como o gênero, pode ser compreendida como uma performatividade, uma construção social.³⁸

A velhice na travestilidade possui uma aura mítica, tanto pelo seu caráter raro, como por seu caráter simbólico. Em seu caráter raro, se remete à baixa expectativa de vida de pessoas Trans. BAP aponta como a morte no grupo só aumenta e como a vida (delas) vale menos que nunca.³⁹ De acordo com a Associação Brasileira de Travestis e Transexuais (ANTRA), a expectativa de vida de pessoas Trans no Brasil cerca os 35 anos, metade da expectativa de vida nacional. Ao redor do mundo a realidade não é muito diferente. Ver uma pessoa Trans na terceira idade é ver uma pessoa sobrevivente de muitas violências sistêmicas que enfrentou para chegar àquela idade. A expectativa de vida é uma delas.

No seu caráter simbólico, a velhice de pessoas Trans possui o conhecimento. Se considerar uma pessoa idosa alguém com sessenta e cinco anos, mínimo estabelecido pela OMS, tal indivíduo terá vivido momentos decisivos, como a ditadura militar no Brasil e a revolução de Stonewall nos Estados Unidos. A experiência dessas pessoas alcança não apenas marcos históricos, mas os alcança por

36. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 9.

37. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 9.

38. ANTUNES. *Travestis envelhecem?*, p. 99.

39. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 7.

um viés marginalizado, não-hegemônico. A experiência da ditadura militar para uma pessoa cis e para uma pessoa Trans é completamente diferente. Tal carga passa despercebida pelos olhos da juventude. Fatoş *abla* utiliza-se dessa desatenção e da androginia ligada à velhice para passar despercebida como uma senhora que, depois dos seus anos de glamour, é estranhamente normal.

Em contrapartida, a obra também aborda a juventude. Uma das meninas assassinadas na obra é Gül, uma travesti que cerca os dezesseis anos (embora a obra não dê certeza) e não é conhecida pela protagonista por não permitir menores de idade na boate. Sua descrição é feita por Gönül, a travesti que a trouxe do interior para Istambul:

– [...] Eu o medi com os olhos. Ele era exatamente como uma menina. Tão bonito. Aqueles olhos. Aqueles lábios. Aquela pele cor-de-rosa. Como se ele tivesse nascido com o nariz empoadado. [...]

– Mas ele ainda era menor de idade. Era uma criança.⁴⁰

Gül persegue Gönül para que esta a leve para Istambul. Sua beleza e sua juventude são retomadas a todo instante que seu nome é citado. Também certa inocência e deslumbramento com o mundo que a cerca são recorrentes. A narrativa usa a personagem como ponte para dialogar com questões

de idade e apontar como a transgeneridade não tem uma idade certa para ser percebida e como não é uma questão de mera imitação ou influência, mas de algo mais enraizado socialmente.⁴¹

Em BAP, as descrições efetuadas pela protagonista partem da gongação,⁴² exceto em casos em que a personagem vista é inegavelmente deslumbrante. Isso não é dito explicitamente na obra, porém, a narradora sempre encontra defeitos ridicularizantes nas companheiras. A primeira descrição a ser abordada sob tal perspectiva é a de Afet.

[...] O cabelo dela estava preso num coque apertado. Por isso, as linhas angulares de seu rosto estavam ainda mais repuxadas que de hábito. Ela obviamente passara pelo menos uma hora maquiando os olhos. Menos de meio metro de tecido havia sido usado para cobrir seu corpo, num modelito que fingia ser um vestido, e havia lantejoulas generosamente aplicadas em toda a sua garganta e seios. Afet transita na linha tênue que separa o ridiculamente estranho do estranhamente bonito. Os pés dela são grandes, até para uma travesti. Mesmo assim, ela optara por enfatizá-los, e eles transbordavam para fora de minúsculos sapatos de salto alto. Como de costume, com os joelhos levemente dobrados, ela parecia estar preparada para dar um salto à frente.⁴³

40. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 54.

41. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 43.

42. Ato linguístico característico entre pessoas Trans e *drag queens*. Consiste em ridicularizar e fazer chacota de outras pessoas. A gongação pode ocorrer com a pessoa gongada presente ou não. É recorrentemente usado em shows de *drag queens* para alcançar o humor.

43. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 26.

Essa ridicularização que beira o cômico faz parte da cultura LGBTQI+, praticada especialmente por travestis e *drag queens*. Na cultura estadunidense, a gongação é chamada de *reading* ou *shade*. A gongação em seu fundamento pode ou não ter a intenção de ofender, cabe à pessoa gongada levar isso na brincadeira e retrucar ou levar a sério e partir pra briga. Usualmente, a gongação é levada pela veia cômica, que parte da brincadeira ao ridicularizar a outra para que quem gonga esteja como ‘superior’. Ocorre de forma parecida com o jogo *The dozens* e o rap na cultura negra estadunidense,⁴⁴ exceto que não tem princípios musicais ou lúdicos. A protagonista faz a mesma coisa com uma amiga que passa uns dias morando na casa dela, Ponpon, mas de forma mais intensa.

Enquanto observava Ponpon, visualizei Michel Serrault interpretando Alben em *A gaiola das loucas*. Eles eram incrivelmente parecidos. Tinham o mesmo ar de hipersensibilidade, presunção e fervor ingênuo, além de gestos idênticos e até o mesmo jeito de segurar o copo. Ponpon estava fazendo uma ótima imitação. Precisei morder minhas bochechas por dentro para evitar cair na gargalhada.⁴⁵

É notório que a narradora está secretamente gongando Ponpon com o leitor. Essa parte da narrativa consta na descrição que a protagonista faz enquanto sua amiga

contava a história de um fã em seus shows. Ponpon não imitava, ao menos propositalmente, a personagem referida e a narradora não conta isso diretamente à amiga. Recorrentemente a narradora se utiliza de artifícios orais ao longo da obra, as gongações não apenas fazem parte deles como incluem o leitor no processo. É importante salientar que a gongação não diminui o senso de comunidade e que, quando necessário, a narradora exalta as travestis e gonga quem não pertence à comunidade, funcionando como ‘só eu posso falar dos meus’.

No que tange a mudanças corporais, além da utilização de hormônios que aparece na descrição de Fatoş *abla*, a narrativa aborda o implante de silicones. Ao visitar Aylin, a protagonista a encontra sem a parte de cima da roupa. Esta é uma das poucas personagens não gongadas em sua descrição.

O corpo dela era belo e gracioso, realmente encantador. Não perdia em nada para alguém que se veria estampada no pôster central de uma *Playboy*. Seus recém-adquiridos seios eram pequenos e empinados, em contraste com o modelo Dolly Parton que é a última moda. Como a orgulhosa proprietária de um novo brinquedo ou joia, fazia questão de exibi-los. Estava nua da cintura pra cima. Na parte de baixo, apenas shorts.⁴⁶

44. PORTILHO. *Detetives Ex-Cêntricos*, p. 100.

45. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 150.

46. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 105.

Seus seios eram motivos de orgulho, uma vez que “um novo sistema de castas estava surgindo no mundo das travestis. As que tinham seios se consideravam superiores às que não tinham”.⁴⁷ Uma vez que trabalham com prostituição, seus corpos são os produtos à venda que precisam estar bem formados e exibidos. Ter seios, dessa forma, é ter a possibilidade de oferecer algo a mais do que as outras, logo, poderiam cobrar mais caro e, por isso, sentiam-se superiores às que não têm. Diferentemente de TM, BAP não aborda essa questão como uma adequação corporal à identidade. Isso pode ocorrer pelos dez anos de diferença entre as obras, como pela perspectiva narrativa, uma vez que a narradora de BAP não possui seios.

As narrativas que incluem a transgeneridade e a transexualidade acabam por fazer uma transnarração. O modo de narrar, os pontos de vista, a construção estética e identitária das personagens alteram o modelo literário vigente. Isso não significa que deva ser tratada como uma literatura maior ou menor que outra, mas como uma variação válida de representação social. As obras aqui analisadas, sob essa perspectiva, exemplificam o que previamente foi chamado de Literatura Trans. Pertencer a tal grupo não tira essas obras da categoria literatura, apenas demonstra que a hegemonia não é o único meio válido.

Se a literatura funciona como uma representação da realidade, a literatura Trans funciona como a representação de uma realidade específica, que leva em conta as visões, vocabulários, ações, expectativas e construções de uma realidade não condizente com o padrão cis-hétero. Com isso, não afirmamos que a literatura Trans engloba qualquer representação mimética. Uma vez que busca representar uma realidade específica, a abjeção imposta sobre nossos corpos e gêneros não pode ser um determinante. Podemos ver como as obras aqui analisadas tratam as questões específicas à corporificação na comunidade Trans com respeito e cuidado.

Ter uma literatura que nos representa é bater de frente com a chacota que de nós foi feita no âmbito literário através da história.⁴⁸ Todas as violências explicitadas nos diálogos acima, como a abjeção de nossos corpos e afetos, a ridicularização de nossas identidades, bordões e especificidades e a ratificação da margem como nosso lugar são questões sociais que foram corroboradas pela literatura. O que chamamos de literatura Trans tende a afrontar essa generalização feita de nosso grupo. Construções distintas de ser e de fazer (ou até ignorar) os gêneros, não mais satisfeitos em reconstruírem os gêneros sociais (*gender*), também vêm reformulando os gêneros literários (*genre*). Por fim, julgamos importante salientar que independente da identidade de gênero, é importante que o indivíduo conheça

47. SOMER. *Batons, assassinatos e profetas*, p. 108.

48. Indicarei aqui a leitura de um artigo que foi publicado na mesma revista em números anteriores. A indicação ainda não consta para não afetar a avaliação por pares.

seu corpo e o domine, uma vez que a tecnologia ainda não permite se desassociar dele. Ainda que os padrões de beleza e as disforias de gênero reneguem os corpos desconformes, é necessário compreender que o corpo não é o inimigo, da mesma forma que as construções impostas sobre este precisam ser derrubadas. O corpo, assim, se torna o reflexo da identidade e, com uma construção identitária consciente e sem amarras, pode ser alterado para melhor refletir.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** 2010. 268 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter**: on the discursive limits of sex. New York: Routledge, 1993.

JAMES, Renee. **Transition to Murder**. New York: Riverdale Avenue Books, 2012.

PORTILHO, Carla. **Detetives Ex-Cêntricos**: Um Estudo do Romance Policial Produzido nas Margens. 2009. 285 f. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

SOMER, Mehmet Murat. **Batons, assassinatos e profetas**. Tradução de Rafael Mantovani. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

Recebido em: 08-01-2019.

Aceito em: 16-05-2019.